



## **Transformando territórios urbanos, construindo territórios de existência: sensibilidades metropolitanas no processo de urbanização da cidade de Canoas/RS.**

Danielle Heberle Viegas\*

**Resumo:** O trabalho tem a intenção de agregar contribuições aos domínios da História Cultural Urbana, através do compartilhamento de desdobramentos relativos a um estudo realizado em Canoas/RS entre as décadas de 1930 e 1960. Em tal período, a localidade notabilizou-se por intensas transformações territoriais e populacionais. Um dos fatores de destaque quanto à pesquisa deste desenvolvimento urbano peculiar foi o contato com as tipologias atribuídas à cidade. Nesse sentido, o presente artigo procura versar sobre as dinâmicas sociais e culturais pelas quais a mais popular das referências atreladas à Canoas – a de cidade dormitório – esteve investida. Essa classificação não ficou restrita a questões narrativas: foi acusada, enquanto cidade-dormitório, de ser um município desprovido de uma identidade própria e os seus moradores de não gerarem vínculos com a cidade. Partindo dessa problemática, esse trabalho busca evidenciar questões concernentes às sensibilidades dos diferentes grupos urbanos que compunham a cidade na metade do século XX. A escolha pela temática “sensibilidades” em um estudo sobre Canoas é legitimada pela lacuna existente, nesse âmbito, a respeito das cidades metropolitanas.

**Palavras-chave:** Canoas/RS. História Urbana. Identidade.

**Abstract:** The paper aims to add contributions to the area of *Urban Cultural History* sharing conclusions related to a study realized in Canoas/RS between the 30's and 60's. In this period, the city became famous for intense transformations in its territory and its population. One of the factors highlighted in the research about this peculiar urban development was the contact with the types related to Canoas city. In this sense, the present paper deals with the cultural and social dynamics in which the more popular reference about Canoas - the dormitory city- was invested. This classification was not restricted to issues narratives: while commuting city, Canoas was accused of being a city devoid of its own identity and its residents do not generate attached to the city. From this problem, this paper seeks to highlight issues concerning the sensibilities of different groups that made up the urban city in the mid-twentieth century. The choice for the theme "sensitivities" in a study about Canoas is legitimized by the gap about the metropolitan cities.

**Keywords:** Canoas/RS. Urban History. Identity.

---

\* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 2011). Autora da dissertação intitulada “*Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)*”, desenvolvida entre os anos de 2009 e 2011 a partir da orientação da Profa. Dra. Núncia Santoro de Constantino. Apoio: CAPES.  
E-mail: [danielle.viegas@hotmail.com](mailto:danielle.viegas@hotmail.com)



## Introdução: sobre o destino de Clarissa e outros

Clarissa saía todas as manhãs às sete para tomar o ônibus que levava a Canoas. Já começava a gostar dos novos alunos. Canoas era bonita, com suas vivendas no meio de jardins verdes e floridos. Ouvia-se o canto de passarinhos. Um silêncio fresco envolvia as casas, as árvores e as criaturas (VERISSIMO, 1982, p. 223).

O trecho acima em destaque integra a obra literária *Um lugar ao sol*, de Érico Veríssimo. O conhecido escritor gaúcho, ao compor tal romance publicado originalmente em 1936, esforçou-se para dotá-lo de características verossímeis com o contexto histórico do período. Dentre outros temas aos quais legou destaque, Veríssimo elegeu a dinâmica urbana e focou a sua narrativa na trajetória de uma migrante que viera tentar a vida, como tantos outros, em uma metrópole do Brasil na década de 1930 — especificamente, Porto Alegre, em plena fase de modernização. Foi para a capital do Rio Grande do Sul que a personagem principal do livro, Clarissa, mudou-se em busca de outras oportunidades, senão as que seu Município de origem no interior do Estado oferecia. E muitas foram as novidades que passaram a envolver a vida de Clarissa na cidade grande, incluindo o seu cotidiano profissional, marcado por idas e vindas a uma então desconhecida localidade muito próxima a Porto Alegre, nomeada à época de *Povôado de Canôas*.

O caso de Clarissa é peculiar, pois se afirma como um exemplo pouco usual diante do contexto do período. Ora, ao passo que as viagens de Porto Alegre à Canoas eram comuns nas primeiras décadas do século passado, as motivações para realizá-las divergiam das de Clarissa. A personagem, afinal, se dirigia ao povoado para ministrar aulas e não para usufruir de momentos de lazer junto aos retiros naturais que Canoas oferecia, tal como fazia a elite porto-alegrense à época. Apesar de ser somente uma, entre tantas paradas da linha férrea, a estação nomeada *Canôas* possuía requintes para conquistar famílias de cidades vizinhas a se deslocarem nos finais de semana de verão (e, quem sabe, em outras estações) para as suas paragens, dominadas por capões e residências imponentes.

Alguns anúncios imobiliários fornecem indícios de que por volta da década de 1940 a paisagem urbana de Canoas estava se modificando. Outros territórios da cidade passaram a ser ocupados de acordo com práticas adversas daquelas que motivavam famílias porto-alegrenses a veranejar na localidade na virada do século XIX para o XX. Nesse sentido, as propagandas dos loteamentos *Nitcheroy* e *Vila Fernandes* arrolam entre as vantagens da



compra de um terreno em Canoas a conveniência de estabelecer residência próxima à capital por um preço mais acessível<sup>1</sup>.

Atraídos por essa oferta, milhares de pessoas elegeram a cidade de Canoas como o seu novo lar, ainda que seus vínculos empregatícios fossem em Porto Alegre. E assim, o povoado que nos anos de 1930 era dotado de ares bucólicos, transformou-se, a partir de 1950, em um dos maiores centros urbanos do Rio Grande do Sul, atingindo a notável marca de 390% de crescimento populacional no decorrer dessa década (Fundação de Economia e Estatística, 1981).

As peculiaridades narradas acima legaram ao Município de Canoas a tipologia urbana de “cidade-dormitório”. Tal referência, no entanto, não ficou restrita a questões meramente narrativas: enquanto cidade-dormitório, Canoas foi acusada em diferentes ocasiões de ser um Município desprovido de uma identidade própria; os seus moradores, majoritariamente (i)migrantes, não geraram vínculos com a cidade, segundo a mesma lógica.

Já partir da década de 1960, Canoas esteve submetida a um intenso plano de industrialização<sup>2</sup> formulado como uma tentativa de desvincular a cidade da imagem de “dormitório da Capital”; o referido projeto investia, paralelamente, o Município de outra projeção cidadina: a de sede industrial. A nova referência atribuída à cidade perpetuou a já consolidada ideia de que Canoas tratava-se de uma localidade onde pouco se poderia reter a respeito da dimensão do cultural e do sensível.

Tendo em conta essas constatações iniciais, o presente texto tem a intenção de elucidar uma perspectiva de estudo sobre o processo de urbanização de Canoas através da qual seja possível o compartilhamento de algumas das dinâmicas sociais relacionadas às tipologias urbanas atribuídas ao município. Uma referência, em especial, foi elencada para a composição de um estudo de caso: a de cidade-dormitório.

Para cumprir o objetivo anunciado, o artigo apoia-se nas abordagens privilegiadas pela *História das Sensibilidades*, área de estudos que, segundo a historiadora Sandra Pesavento (2005, p. 8) é relativa às “(...) formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos”. Dessa forma, busca-se compreender como os distintos grupos sociais que compunham o Município de Canoas na metade do século XX interpretavam e interagiam com

<sup>1</sup> Anúncio de vendas do loteamento Nictheroy em Canoas, 1933 (Acervo UPHAM Canoas); Planta da “Vila Fernandes” anexa a uma propaganda de vendas de terrenos no local, 1940 (Acervo UPHAM Canoas).

<sup>2</sup> Em 1961, a Lei n. 665 autorizou a redução de 30% nos lançamentos de impostos sobre indústrias; ela foi seguida, já em 1962, pela Lei n. 739 que isentava totalmente de tributação as indústrias que se instalassem no Município.



a imagem de “cidade dormitório” conferida à localidade, questionando: o que as sensibilidades dos canoenses daquela época podem revelar sobre suas práticas urbanas? E vice-versa?

Ao passo que a investigação da documentação escrita fornece indícios a respeito das ações do Poder Público diante da projeção de Canoas como uma cidade dormitório, as memórias dos moradores do Município permitem o acesso às práticas urbanas do período, compositoras, por sua vez, do que se denominou aqui dos “territórios de existência” dos (i)migrantes da cidade.

A historiadora Sandra Pesavento (2005, p.1) alerta, no entanto, que “medir o imensurável não é apenas um problema de fonte, mas sobretudo de uma concepção epistemológica para a compreensão da história”. Sendo assim, cabe mencionar que as sensibilidades geradas na Canoas da década de 1950 serão abordadas, especialmente, a partir de um olhar sobre as sociabilidades que eram exercidas na cidade à época, tendo em conta o entrecruzamento já consolidado entre esses dois feixes de pesquisa<sup>3</sup>. Nesse entremeio, rascunha-se a elaboração de uma análise hermenêutica, que considere a diversidade de temporalidades e de narrativas embutidas no processo de urbanização de Canoas. Julga-se que é através da Hermenêutica que “o historiador estabelece a ligação entre a compreensão do passado e a intersubjetividade do autor em relação ao outro, distanciado no tempo” (NICOLAZZI, 2003, p. 177).

Vale lembrar, enfim, que o recurso às sensibilidades é especialmente válido quando canalizado em um estudo dedicado a uma cidade como Canoas. Isso porque uma breve revisão bibliográfica indica que as cidades metropolitanas são usualmente trabalhadas apenas a partir de enfoques econômicos e técnicos. Essa questão pode ser exemplificada em nível local, pois, em meio à preponderância de estudos estatísticos a respeito da Região Metropolitana de Porto Alegre (CARRION, 1989; TATSCH, 1990), somente os trabalhos de Regina Weber (2004a; 2004b) são passíveis de destaque devido à exploração de temáticas relativas à identidade e à memória.

Nessa direção, vivências e memórias como as dos outrora (i)migrantes que chegaram a Canoas, transparecidas em sensibilidades e sociabilidades, tornam-se alvo de investigação historiográfica ao proporcionarem a construção de eixos de reflexão sobre a formação urbana de Canoas e de outras cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil no mesmo período. Com base nesses pressupostos, parte-se para apresentação do estudo de caso anunciado.

<sup>3</sup> “Sensibilidades e Sociabilidades” foi o tema principal do IV Simpósio Nacional de História Cultural, promovido pelo GT Nacional de História Cultural entre 13 e 17 de outubro de 2008, na cidade de Goiânia/GO.



## 1. “Uma cidade que cresceu ao avesso”: a construção social de Canoas como uma cidade-dormitório

Era o ano de 1944 quando o então Prefeito de Canoas, Aluizio Palmeiro de Escobar, se referia à população do Município como *flutuante*<sup>4</sup>. Tal expressão foi utilizada, nas palavras do político, no sentido de que os moradores de Canoas eram mais passageiros na cidade do que propriamente habitantes. Uma década depois, o jornal canoense *O Momento* ainda denunciava um problema “de causa profunda e de feitos maléficos, cuja solução não depende em nada da iniciativa do Poder Público”<sup>5</sup>. Tratava-se, segundo o periódico, de “um problema de ordem sentimental” o desamor do canoense à sua cidade.

Entre as causas arroladas, estava a proximidade de Canoas à capital do Estado, também ressaltada por Sezefredo Azambuja Vieira (1994, p. 33) – outro que viera a ser Prefeito do Município – em um de seus discursos, no qual disse que o morador de Canoas é “espiritualmente um porto-alegrense exilado e um canoense em trânsito. Sempre que lhe for possível deixará a nossa cidade e se transferirá para Porto Alegre”. Além de corroborar opiniões anteriores a sua, Sezefredo fornece outro indício a respeito da suposta indiferença da população para com Canoas: a origem dos habitantes. Afinal de contas, naqueles dias, o típico morador da referida cidade era o “homem do interior recém-chegado, que adquiria madeira, e em poucos dias construía sua casinha” (VIEIRA, 1994, p. 29), formando mais uma família canoense.

Sezefredo Azambuja Vieira discorre longamente sobre os assuntos e admitiu ser amplamente interessado na “psicologia dos habitantes de Canoas”. O Prefeito pretendia, segundo consta, examinar “a composição do povo, suas tendências e sentimentos”. E assim declara, em 1958: “70% das famílias canoenses são de operários, cuja maior parte trabalha em Porto Alegre, pelo que os trabalhadores canoenses saem de seus lares de madrugada e a eles só voltam à noite” (VIEIRA, 1994, p. 35). Nesse sentido, ele constata o problema existente em relação à identidade cidadina em Canoas:

(...) Canoas é uma cidade que o particular fez e como o processo de expansão foi muito rápido, não houve tempo de formar-se um espírito localista. O canoense não conhece a sua terra, dela não tem orgulho e muitas vezes nem sequer a estima (VIEIRA, 1994, p.33).

Dotado de inspiração, o Prefeito sentenciar, por fim, que grande parte dos ditos canoenses: “vivem a sonhar com a Canaã desejada (...) assim como os reinóis suspiravam por

<sup>4</sup> **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 10.10.1944.

<sup>5</sup> **O Momento**, Canoas, 28.04.1956.



voltar à Corte de Portugal (...). E à qual cidade corresponde Canaã? À terra natal dos (i)migrantes? Absolutamente, não. A Canaã desejada era o destino original da população quando de seu deslocamento – Porto Alegre –, localidade que, conforme Sezefredo, distanciava-se de Canoas em termos culturais e políticos. Disse ele que Porto Alegre era:

nada menos do que a capital do Estado, sede do Governo Gaúcho, cidade exatamente 200 anos mais antiga que a nossa, que concentra a fina-flor das elites culturais e políticas do Rio Grande do Sul e que reúnem os mais poderosos elementos da Economia da província rio-grandense. (VIEIRA, p.33).

A importância da origem da população de Canoas foi tamanha que deixou de ser pauta apenas de ensaios urbanísticos e invadiu as páginas dos documentos policiais. O *Relatório de Polícia* da cidade de 1953 incluiu, pela primeira vez, a seção *Vilas e Loteamentos* como um de seus itens de discussão — e, principalmente, de preocupação. Lê-se no Relatório:

(...) Esses novos núcleos residenciais estão sendo habitados por enorme número de pessoas, algumas **oriundas do interior do Estado**, que se aproximam da Capital à procura de trabalho e melhores condições de vida. **Constituem elas, as vilas em apreço, sério problema para a Polícia. Seus habitantes, andrajosos e famintos, não podem retornar a <hinterland> gaúcho, por não terem, no dizer vulgar, <nem eira nem beira>, e vão ficando onde estão, vivendo de <biscates> e até de esmolos.** (...) Endossando essa responsável opinião, a Polícia de Canoas fica atenta, como sempre, eis que, **neste Município, está localizada A MAIOR VILA OPERÁRIA DO BRASIL, pois cerca de 80% da população canoense é essencialmente operária.**<sup>6</sup> (grifos nossos)

Como é possível reconhecer a partir do fragmento acima, os habitantes dos novos parques residenciais – majoritariamente migrantes operários – bloqueavam a construção de uma identidade cidadina para Canoas; estavam ali, afinal, “de passagem”, vivendo tal como biscates e pouco dispostos a gerarem laços com a cidade que, dessa forma, era prejudicada cultural e historicamente, de acordo com os críticos.

Mas há o outro “lado da História”, narrado pelos próprios moradores de Canoas. Aproxima-se, nesse sentido, da ressalva de Heliana Salgueiro, que enfatiza: “os critérios do urbano dependem não só da política administrativa ou da prosperidade econômica mas dos conceitos de apreensão do lugar por parte dos habitantes” (LEPETIT, 2001, p. 25). No caso de Canoas, os moradores revelam que, ao contrário do que se supõe, eles estabeleceram vínculos – não tão passageiros – em relação à cidade.

## 2. Analisando falas, descobrindo Histórias: trajetórias de (i)migrantes na cidade de Canoas

<sup>6</sup> Relatório de Polícia da Cidade de Canoas, 1953, p. 3. Acervo UPHAM-Canoas.



*A população flutuante, o canoense em trânsito, o homem recém-chegado do interior:* tantas foram as designações para se reportar, em última instância, aos migrantes que se instalaram em Canoas na metade do século XX. E não somente migrantes: a consulta ao censo demográfico do Município, ainda em 1940, indica uma pequena — porém significativa — presença de estrangeiros e, portanto, de imigrantes na cidade. Destaca-se, nessa direção, o testemunho de Oronzo Fullone, que narra a sua história:

Praticamente sai da Itália em 1954. Foi uma leva de imigrantes que fazia parte da convenção de Genebra. Naquela época, o falecido Getúlio Vargas, numa série de acordos, precisava industrializar o Brasil, ele pegou por meio do acordo de Genebra, recrutou uma quantidade de profissionais da Itália, da Alemanha.(...)Tinha bastante serviço. De São Paulo fui para Santo André numa firma que fazia máquinas para frigorífico. (...) Aí tinha outro imigrante que trabalhava em outro lugar, que disse, ‘olha vamos para Porto Alegre que lá muita gente fala italiano, o clima é melhor’ (FULLONE, 1994).

Ele prossegue contando como chegou em Canoas: “(...) me disseram que um senhor da colônia tinha casa em Niterói. Era na Rua Nelson Paim terra. Fui lá ver. Era uma das poucas casas que existiam. Não tinha loteamento. Isso era em 1954. Ele fez o preço e eu aluguei”. E outros imigrantes “resolveram vir para o Brasil” bem como para Canoas nas décadas seguintes. Esse é o caso do descendente de poloneses Silvestre Krolikoski. Admirado, ele declara:

Não vi uma cidade crescer tanto como Canoas; cresce dia a dia. Comprei o terreno do lado em 1957. Nasci em Mariana Pimentel no Município de Guaíba. Meu pai era estrangeiro, veio com dois anos de idade. Era polonês, mas era governado pela Rússia. Estavam mal e inventaram de vir para o Brasil, porque diziam que aqui dava para viver melhor. (...) Veio o avô, a avó, o pai. Se estabeleceram em Porto Alegre. (...) Viemos para Canoas em 1948. (...) Arrumei um serviço para mim. Fiquei guarda noturno do Renner, na fábrica do Navegantes. Trabalhei lá em 1960 (KROLIKOSKI, 1994).

O depoimento de Silvestre enriquece a pesquisa que aqui está sendo narrada, ao confirmar a hipótese da existência de forte mobilidade urbana entre a zona sul de Canoas e a zona norte de Porto Alegre na ocasião. Entra-se em contato, então, com outro protagonista desse capítulo da História de Canoas. É Dioclécio Risi, que conta:

Quando vim para cá, havia seis casas (...). Vim de Porto Alegre. Vim porque ia me casar e morar com o sogro. Trabalhava em Porto Alegre no Engenho de Arroz. O bairro era chamado de dormitório porque o pessoal vinha dormir aqui (...). Tinha quatro ônibus que trafegavam de hora em hora para Porto Alegre (RISI, 1994).

Mais do que nunca, o depoimento não deixa escapar a já conhecida referência de Canoas como uma cidade dormitório. O Irmão Lassalista Norberto Nesello relata uma



informação muito interessante a respeito dessa prática, revelando a existência de trens predominantemente operários em Canoas. O religioso lembra que:

(...) havia até um trem que vinha lá de São Leopoldo, o trem operário. Aqui na estação de Canoas, onde é hoje a Fundação Cultural, havia um vagão esperando que o trem viesse e quando ele vinha manobrava e engatava mais um vagão pra levar o pessoal para Porto Alegre. E quando vinha, o pessoal também vinha, deixava um vagão para a manhã seguinte, fazendo essa manobra (NESELLO, 2009).

Irmão Norberto não é o único habitante de Canoas a referenciar a cidade como um reduto dormitório. Carlos Eduardo Nascimento, morador do Bairro de Fátima, lembra que: “Quase toda a Canoas é assim hoje. As pessoas nasceram em Canoas, mas até uns anos atrás, inclusive, Canoas era considerada dormitório de Porto Alegre. Pessoas saiam de manhã pra trabalhar e só voltavam pra dormir” (NASCIMENTO, 2007).

Uma vez que a memória popular também respalda a referência de Canoas como uma cidade-dormitório, a questão que se impõe é a que pergunta se tal constatação significa, precisamente, que os moradores não geraram laços para com a comunidade. Afinal: para além das noites de sono, o que acontecia na Canoas da década de 1950?

### **3. As sociabilidades como um recurso às sensibilidades: práticas urbanas em Canoas na metade do século XX**

Conta-se que *Zora*, uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino (2003, p. 21), uma vez que é observada, jamais é esquecida. No entanto, todos os pormenores resguardados pela memória desaparecem quando da tentativa de uma descrição sobre a dita cidade. Ela não apenas é inesquecível, mas também é indescritível. Assim *Zora* permanece como uma cidade sem narrativa e, portanto, desprovida de temporalidade.

Canoas, ao contrário, permite ser lembrada pelos (i)migrantes que acolheu outrora e que, hoje, tornaram-se canoenses narradores da História do Município. Neste sentido, inicia-se com os depoimentos de Walter Galvani e de Jesus Pfeil que relatam, ao seu modo, o cotidiano dos anos de 1950 em Canoas. O primeiro menciona a importância de uma instituição educacional de grande porte para a centralização de atividades culturais na cidade. Galvani declara:

(...) eu acho que nós tínhamos um núcleo cultural muito importante que nascia de todos estes motivos que eu estava expondo ao percorrer e que eu situo, sem sombra de dúvida como elemento detonador o Colégio Lassalista, porque é um Colégio muito significativo no Estado do Rio Grande do Sul. (GALVANI, 1998).



Por outro lado, Antônio Jesus Pfeil relembra a aura de boemia e de rebeldia que envolvia Canoas à época, ao passo que introduz um dos principais temas relacionados às sociabilidades da cidade: o cinema. O memorialista destaca:

Quando surgiu James Dean, apareceu a moto, a lambreta. Havia um rapaz que se vestia de Roque Lane e ficava na porta do cinema (...). Essa juventude transviada foi um mito forte. Não houve quem não transgredisse a Lei. Aqui houve assaltos a postos de gasolina, pelo simples prazer da aventura. Não havia necessidade disso. Houve problemas e todos foram a cadeia. Uns já morreram e outros estão aí. São meus amigos e quase fui junto. Só não fui porque estava num Baile no Comercial (PFEIL, 1998).

Os depoentes Galvani e Pfeil respaldam as memórias um do outro quando informam que a localização do território ao qual se reportam é o Centro da cidade. Galvani é ainda mais específico e conta:

Nós tínhamos um pequeno grupo que morava todo na zona da Coronel Vicente, Dr. Barcelos, e aquela região ali. E como nós nos interessávamos por cinema, teatro, literatura, jogávamos xadrez, uma série de coisas, hoje fora do comum, imagine naquela época, então um primo meu, muito brincalhão, que vive até hoje aqui, Ivo Silveira Filho, meu primo-irmão, chamava nossa Rua de Picada dos Intelectuais. Era aquela descida da Coronel Vicente (GALVANI, 1998).

Um dos endereços notáveis do Centro de Canoas na década de 1950 foi o chamado *Bar, Restaurante, Sorveteria e Fiambreria Avenida*, inaugurado ainda no final da década anterior. O Bar foi instalado no térreo da então edificação mais imponente da cidade: o Edifício Milanez, que, no auge de seus quatro andares, transformou a paisagem urbana de Canoas à época, que é descrita pelo Irmão Norberto Luiz Nesello:

Nenhuma rua calçada, poucos prédios, uma casinha e coisa assim. Onde estão agora as lojas diziam ‘vão fazer um prédio de quatro andares e depois vão fazer mais três, um edifício de sete andares’. E começou a crescer. E cresceu mais a construção do Bar aqui no Centro, agora eu não sei mais de quem é. Isso em mil novecentos e quarenta e oito (1948) (NESELLO, 2009).

A associação do Centro da cidade com boêmios, intelectuais e estudantes fomentou a ideia de uma cultura restrita àquele território, direcionada aos poucos que pudessem (re)conhecer o seu valor. Tal constatação pode ser identificada na fala de Nemésio de Miranda Meirelles, que sentenciou: “quando ocorria um evento cultural, os habitantes próximos ao centro participavam, mas as periferias como Rio Branco, Niterói, Mathias Velho, Estância Velha e outros não se sensibilizavam” (MEIRELLES, 1998). A representação de Canoas como um reduto dormitório, desprovido de heranças culturais e identidade própria, se faz novamente presente. O baluarte de diferenciação, no entanto, não



se afirma mais em Porto Alegre, mas entre os próprios bairros da cidade.

Apesar dessas convicções, os Bairros “operários” e “periféricos” de Canoas também coloriram os seus territórios com um pouco da tonalidade dourada dos anos cinquenta. Sabe-se que o cinema, por exemplo, não foi um empreendimento típico apenas do Centro da cidade, que contava com vários estabelecimentos do gênero e até com clubes dedicados à sétima arte.

Vale destacar que Bairros como Niterói e Rio Branco também puderam usufruir de sessões fílmicas<sup>7</sup> que, aliás, eram concorridas inclusive em tempos adversos, conforme lembra Luiz Jeronymo Busato, em entrevista a um jornal local, no ano de 2000: “o Cinema Rio Branco funcionou com as pessoas chegando de barquinho por causa das enchentes”.<sup>8</sup>

José Leão Hartmann, Cônego responsável pela Igreja Matriz de Canoas durante décadas, também respalda a importância do cinema na cidade, fornecendo outras informações a respeito disso. Ele conta que:

O único divertimento era o cinema. Depois os ricos iram comer um galletinho na única galetaria da cidade, que era de um alemão. E havia naquele tempo um pequeno prado para corrida de cavalos na Mathias (HARTMANN, 1996).

O depoimento do Cônego Hartmann é bastante elucidativo, pois evidencia os caminhos que levam ao Centro da cidade; aponta, também, a outros territórios, que vão em direção aos Bairros da comunidade. O religioso menciona os chamados prados, oficialmente nomeados *hipódromos* ou mesmo *Jockey Clubs* de Canoas, planejados em áreas como Niterói e Mathias Velho. Se pouco sobreviveu o hipódromo do primeiro loteamento citado<sup>9</sup>, o da Mathias Velho vigorou, tendo em conta que as notícias sobre a nova opção de lazer na cidade eram expressivas.

O hipódromo localizado na Vila Mathias Velho representa, dentro da análise que está se procurando estabelecer, um importante símbolo de como as fronteiras geradas entre o Centro e os núcleos periféricos da cidade eram móveis, já que, como declarou o Cônego Hartmann, as elites dirigiam-se a esse tipo de estabelecimento nas periferias, para empregar o seu dinheiro. O futebol, igualmente, pode ser lembrado nesse sentido, pois a prática do esporte se estendia a todos os territórios da cidade. A maioria dos Bairros possuía, inclusive, o

<sup>7</sup> Existia, à época, em Niterói o Cinema Rio Branco e o Cinema São Luiz.

<sup>8</sup> Depoimento exposto no jornal **Diário de Canoas**, 27.06.2000.

<sup>9</sup> A área prevista para ser o hipódromo na Vila Niterói foi loteada na década de 1940.



seu Clube de Futebol representante.<sup>10</sup> As sociabilidades eram articuladas, também, junto às festividades cotidianas que se diferenciavam conforme cada território da cidade. Segundo Leo Medina, foi realizado no Centro de Canoas:

(...) um movimento social intensíssimo na época, inovador até. Trazíamos orquestras de fora, fazíamos promoções. Me lembro que tinha gente que não ia nos bailes tradicionais esperando o nosso. Dou exemplos: o Dr. Santos Rocha e sua esposa, a Dona Iracema, esposa do Dr. Victor Hugo Ludwig, que sempre nos prestigiavam. Eram bailes de fim de semana. (...) Também organizávamos uma escola de samba que marcou época (MEDINA, 1996).

As festas de Bairro eram mais ligadas aos costumes de cada comunidade, identificando-se aí um importante aspecto relativo às sensibilidades, que é a questão da tradição. Marino Grillo lembra que:

Aqui na casa grande tinha um alto-falante. Também no tempo das galenas tinha um fio espichado por aí. O pessoal se reunia aqui. O pai fazia shows, brincadeiras, o povo gostava. Quando vinha um deputado, molhávamos a rua com água para o deputado não apanhar poeira. Tinha até uma rádio, a PRJ Bichado para animar a folia (GRILO, 1995).

As celebrações usualmente estavam ligadas às tradições nutridas em cada esfera comunitária; muitas vezes, também possuíam forte determinante étnico, conforme se aferiu a partir do caso da organização do *Grupo de Dança Solovei*, formado por descendentes de ucranianos, no Bairro Niterói. Michailo Zymbal, um dos fundadores do grupo, conta que:

(...) inicialmente o folclore não tinha lugar apropriado. Organizava-se um grupo em torno de uma família, cantava ao ar livre, nas famílias, nas igrejas, em roda de amigos. Para salvar alguns desses aspectos na comunidade, o Grupo Folclórico Solovei quer preservar tradições populares, a música, a dança (ZYMBAL, 1995).

Desta forma, conclui-se não ser uma eventualidade, afinal, que o núcleo central de Canoas sediasse atividades culturais mais identificadas com as que ocorriam na Capital do que com as que praticadas nos Bairros da cidade, dada à interlocução histórica daquela área com a elite porto-alegrense, desde o século XIX. Mas, para além dos diferentes territórios de existência gerados na cidade a partir de práticas específicas, o que resta é que de forma essas práticas, compostas e compositoras de sensibilidades, comprovam os vínculos dos moradores de Canoas para com a cidade que, certamente, chamavam de sua.

## **Considerações finais**

---

<sup>10</sup> No Centro existia, entre outros, o Canoas Futebol Clube; na Vila Rio Branco, o Frigorífico Nacional Futebol Clube; em Niterói, o Iraí Futebol Clube.



A elucidação de temas relativos às sensibilidades dos antigos moradores de Canoas, desdobrados em aspectos voltados às sociabilidades, permitiu desconstruir estereótipos em relação ao passado da cidade. Pode-se ressaltar, nesse sentido, a ideia que acusa os moradores de Canoas de não possuírem vínculos afetivos com a cidade. Notabilizou-se, ao longo da pesquisa, a multiplicidade de formas de pertencimento que os habitantes de Canoas valeram-se para afirmar os seus laços com o Município: são memórias acerca das festividades, das associações de bairros e mesmo a respeito das tarefas do dia-a-dia, entre outras instâncias que escapam da dimensão do político e do oficial e, talvez por isso, tenham sido desconsideradas ao arguir-se os sentimentos do morador de Canoas para com a sua cidade. Dessa forma, a utilização de depoimentos orais permitiu uma contribuição no sentido de revelar algumas identidades daqueles usualmente tratados apenas como números em estatísticas.

Uma hipótese para o estabelecimento dessas sensibilidades específicas é o fato de que a construção do espaço urbano de Canoas tenha ocorrido predominantemente desvinculada de qualquer interferência pública de Poder até meados da década de 1960. A cidade teve a sua urbanização pautada, naquele momento, pela iniciativa de sociedades territoriais e imobiliárias. Tal característica fez com que o seu desenvolvimento urbano não tenha envolvido a produção de símbolos e de patrimônios coletivos o que, de certa forma, fomentou a construção de sociabilidades muito mais junto aos bairros do que perante a cidade como um todo. Assim, notabilizou-se a formação de redes de contato e de sociabilidade étnica.

Finaliza-se considerando que a construção dos territórios de existência dos (i)migrantes junto à realidade urbana vivenciada fornece inúmeras possibilidades de pesquisa senão as aqui apontadas, tais como as permanências, as rupturas, as segregações e outras formas de sociabilidade ligadas a esses processos. Igualmente, encaminha-se a importância de pesquisas vindouras que tentem dar conta das dinâmicas sociais e culturais que envolveram a construção de outras referências sobre Canoas, como as de cidade veraneio e cidade industrial, valendo-se das contribuições específicas que o estudo das sensibilidades pode trazer nesse sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CARRION, Otília K. Mercado imobiliário e padrão periférico de moradia: Porto Alegre e sua Região Metropolitana. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 225-250, 1989.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Transformando territórios urbanos...** p. 10-23.



FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul** - censos do RS- 1803-1950. Porto Alegre, 1981.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova História Urbana**. São Paulo: Ed. da USP, 2001.

NICOLAZZI, Fernando. Uma teoria da História: Paul Ricoeur e a Hermenêutica do discurso historiográfico. **História em Revista**, Pelotas, v. 9, p. 45-76, 2003.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. Coloquios, 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Consultado em 03 de agosto de 2011.

TATSCH, Ana Lúcia. Impactos da crise do início dos anos 80 sobre o mercado de trabalho: um estudo da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Indicadores Econômicos FEE**: análise conjuntural, Porto Alegre, p. 194-210, nov. 1990.

WEBER, Regina. **Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80**. Porto Alegre: UFRGS, 2004a.

\_\_\_\_\_. A região metropolitana e as cidades-operárias. In: GRIJÓ, Luís Alberto; GUAZZELLI, César; NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio. (org.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004b, p. 369-393.

VIEIRA, Sezefredo Azambuja. **Perfis Canoenses 1**. Canoas: SMEC, 1994.

VERISSIMO, Erico. **Um lugar ao sol**. 24ª. ed. Porto Alegre: Globo, 1982 [1936].

## REFERÊNCIAS ORAIS

FULONNE, Oronzo. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Bairro Niterói, 1994. Acervo MAHLS.

GALVANI, Walter. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Centro. 1998. Acervo MAHLS.

HARTMANN, José Leão. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Centro. 1996. Acervo MAHLS.

KROLIKOSKI, Silvestre. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Niterói, 1994. Acervo MAHLS.

MEIRELES, Nemésio de Miranda. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Centro. 1998. Acervo MAHLS.

NASCIMENTO, CARLOS E. Entrevista à Danielle Heberle Viegas. Set. de 2007.

NESELLO, Norberto Luiz. Entrevista à Danielle Heberle Viegas. Jun. 2009.



PFEIL, Jesus. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Centro. 1998. Acervo MAHLS.

RISI, Dioclécio. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Niterói, 1994. Acervo MAHLS.

ZYMBAL, Michailo. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Niterói. 1995. Acervo MAHLS.

**Recebido em Julho de 2011**  
**Aprovado em Julho de 2011**